

A Noivinha

Pois para se ver como são as coisas! Quem diria que o maior matador vivo de todo o Nordeste haveria de se converter à causa de Lolita de Aracaju – a quem nem mesmo conhecia então – e seus aliados? Só mesmo vindo a ter uma filha envolvida com prostituição infantil é que um homem duro e frio como ele poderia mudar seu modo de ser e pensar – a conversão de Dito Timbó! Dito Timbó e seus três filhos ajudando Lolita no combate aos traficantes de crianças e de drogas! Como são estranhos os caminhos da Providência...

O ínclito pistoleiro cearense estava num bem merecido descanso, durante a entressafra das encomendas – entenda-se: durante aqueles meses esquisitos que precedem as grandes guerras da política local, quando se vai definir, no dinheiro ou na bala, quem serão os futuros ganhadores das convenções partidárias, seja do governo, seja da oposição.

Numa dessas tardes quentes do sertão, logo depois de acordar da sesta (à qual se recolhera para dormir o sono dos justos e sonhar que estava numa tocaia, seu sonho favorito, que o deixava mais do que feliz ao acordar), ouviu um tropel de cavalo se aproximando da casa. De longe reconheceu que era Bastião, aquele seu filho bom de briga que morava agora em Juazeiro do Norte. Caprichos do rapaz, que mudara para lá enrabichado por uma certa quenga. A coisa acabou dando em nada, mas o moço foi se acostumando com o lugar e resolveu ficar por lá mesmo. Mas, como seus outros irmãos, estava sempre pronto a atender ao chamado do pai, cada vez que uma missão de maior envergadura exigia que Timbó levasse um reforço de contingente.

Dito Timbó era um caboclo bastante rústico, não tinha o costume de demonstrar sentimento por gente da família, mas por aquele filho, assim como por Jeremias e Osmar, o mais velho e o mais moço dentre os filhos homens, tinha especial apreço. A razão, evidentemente, era a escolha que todos os três haviam feito quanto à profissão que abraçaram: eram todos pistoleiros como o pai. Era evidente o orgulho que sentiam, todos eles, por aquele pai que era uma lenda viva no sertão e na caatinga. Isso, é bem certo, sentiam também todos os outros dezoito filhos de Dito Timbó, homens e mulheres. Mas somente aqueles três levaram esse orgulho às raias da adoração, a ponto de quererem, eles também, adotar por profissão o nobre mistér do afamado matador cearense. Por isso, Dito Timbó tinha evidente predileção por aqueles três filhos, machos de verdade, que não negavam o colhão roxo da raça dos Timbós.

Dito tinha também muitas filhas mulheres, mas a essas ele normalmente ignorava. Que ficassem com as mães. Quase sempre acabava fazendo barriga em muitas das mulheres que vinham se oferecer a ele, natural conseqüência de sua fama e de sua reconhecida competência com outro tipo de arma, aquela que ele brandia na cama. Pelo que sabia, tinha pelo menos vinte e um filhos espalhados pelo Nordeste, da Bahia até o Piauí, lugares por onde andara despachando viventes encomendados por seus respectivos inimigos. Mas bem que podia ter muito mais do que isso, muitas das mulheres nunca voltavam a dar sinal de vida e nem ele as procurava depois de se fartar delas, o que acontecia em poucos dias, no máximo algumas semanas. Seja como for, tempo mais que suficiente para um macho como ele emprenhar mulher normal.

Pois era isso mesmo que ia agora ficar patente. Bastião apeou do cavalo e se dirigiu ao pai, tomando-lhe a mão direita, que este lhe estendera para o beijo regulamentar.

– A bênça, painho! – falou o filho, inclinando-se e levando os lábios grossos à mão trigueira.

– Deus bençoi – foi a resposta contente de Timbó – Que qui traz mecê aqui, parece isbaforido...

– Pois é uma carta, painho. Uma carta qui chegou pra painho lá in Juazero, mi intregaro ela onti. Vim pra cá cedinho hoje, passei antes no mano Osmar, mano Osmar é sabido qui nem dottor, sabe lê muito bem. Pois ele leu i eu adcorei o que ele falô pra modi recitá pra painho. Ele mi feiz repiti um montão di veiz, mi feiz jurá qui ia dizê iguarzinho pra mecê.

– Ara, pois intão vamu lá, num si avexe, disimbuche logo qui deve di sê importante. Di quem qui é a tar carta?

– Pois é di uma tar Marta, lá das banda di Barbalha. Diz qui pegô barriga di painho, coisa di uns onze ano atrais, painho si alembra?

– Marta?... Marta... Pois acho qui mi alembro, sim. Era uma pitiça, muito da bunita, a gente fez as coisa, sim. I ela teve minino, teve?

– Não, painho. Diz qui teve minina.

– Ah, minina... Ora, isso num mi interessa muito, não...

– Mas a tar Marta iscreve qui a criança si chama Ritinha e qui ela não le procurô antes e qui nem pretendia le procurá é nunca. Num quis e nem qué nada di dinhero di painho.

– É bão mesmo, eu não ia dá é nada! Ara.

– Mas ela iscreve qui sua fia pricisa di ocê agora, qui é por causa di uma disgracera qui fizero cum a bichinha. Discabaçaro ela!

– Ai é?! Num mi diga. A minina deve di tê deiz ano intão. Quem fez o serviço nela?

– Pois diz qui foi o home di Marta, o qui veve cum ela agora, num sabe? E ela diz na carta qui avisô o home qui a fia era sua, qui si ele fizesse coisa pra ela, ela mandava contá tudo pra painho.

– E o disgramado num acreditô?

– Ela iscreveu qui o diabo debochô dela e di painho. Disse qui era mintira dela, mas, qui si fosse verdade, ele é qui não ia tê medo dum cabra véio qui nem Dito Timbó. Óia só qui disabusado, painho: chamo mecê di véio!

– Pois olhe, meu fio. Eu também num acredito muito nesse causo di sê minha fia essa Ritinha. Mas, si é verdade qui esse cabra falô essa bestera, intão ele cavô a sepultura dele cum a língua. Toca imhora isclarecê isso tudo. Deixa eu arreia o cavalo e é pra já!

– Pois mano Osmar já deu jeito di falá com mano Jeremias e eles tá vindo aí pelo caminho, devem di tá chegando. Todos nós qué pidi pra painho deixá a gente i junto também. Não qui painho pricise da gente pra dispachá um bunda-mole desses. Mas é qui nós qué sabê si a minina é mesmo nossa irmã. Si for, mecê sabe, é obrigação di todos os macho da família participá do corretivo no sem-vergonha do discabaçadô da criança.

– Bom, si eles já tá vindo mesmo... Bem qui vai sê divertido a gente viajá junto esses dias, até chegá no lugar ondi tá o mequetrefe. Mecê sabe bem qui lugar é esse? Ainda é lá pras banda di Barbalha? Ou será qui a tar di Marta si mudô pra otras banda mais distante?

– Pois ainda é em Barbalha, sim sinhô. Não na cidade, mai num vilarejo antes di nós chegá nela, é até mais perto.

Dito Timbó acelerou os preparativos para a viagem, trancou a porta da casa e terminou de arrear o cavalo. Evidentemente, a viagem seria, como quase sempre, em lombo de animal. Embora tivesse ganho e juntado dinheiro para ter mais de um automóvel se quisesse, Dito Timbó era um homem às antigas – detestava automóvel. Havia começado sua vida profissional no lombo de um cavalo. Então seria assim até morrer.

Os três filhos, mais orgulhosos que nunca do pai famoso, copiaram logo também esse sua mania. Se painho não gostava de automóvel, eles também não gostavam e ponto final. Assim, quando, duas horas depois, Jeremias e Osmar chegaram à casa de Timbó, obviamente vinham montados a cavalo. E assim, após cumprimentarem o pai e virarem uma rodada de pinga com rapadura, montaram os quatro e partiram a bom trote, com a finalidade de pernoitar numa fazenda de um dos muitos compadres de Dito Timbó, a seis horas de cavalgada dali.

De lá, na madrugada do dia seguinte, retomaram a cavalgada rumo ao vilarejo antes de Barbalha. Chegaram ao cair da tarde. Timbó passou ao largo com Bastião e foram os dois procurar um lugar para passar a noite acampados. Os outros dois, Jeremias e Osmar, entraram na cidadezinha para assuntar. De boteco em boteco, chegaram a um onde o assunto da roda de cachaça não era outro senão o descabaçamento da menina Ritinha. Ali, assuntando como quem não quer nada, ficaram sabendo de muitos detalhes sobre o acontecido. Primeiro, que o nome do desgraçante da menina era João Boto. E que era Boto porque inventara que era como o boto do Amazonas, lá no Norte, onde tinha vivido por um tempo: ele era um conquistador de donzelas. Encantava as moças e elas vinham se entregar a ele. Vivia se gabando de suas muitas aventuras. A última, que ele não parava de trombetear, era a conquista dos três vinténs de sua enteada, a menina Ritinha. Ao ouvir isso Jeremias, que era mais cabeça quente, já queria partir no enalço do indivíduo. Mas Osmar, que era o gênio da família, tinha outros planos. Convenceu o mano mais velho a se acalmar. Precisavam saber mais, muito mais. E, também, tinha que achar o tal do médico, para que os tais planos pudessem dar certo. Tivera um enorme trabalho para convencer o pai a deixá-lo fazer as coisas do seu jeito e não na grosseria.

Osmar tinha concebido uma idéia muito original e, para colocá-la em ação, precisaria de um médico cirurgião. Perguntando, ficou sabendo que havia um tal de Dr. Epaminondas, no pequeno hospital local de doze leitos apenas, que fazia cirurgias delicadas e difíceis. Inteirou-se que seu horário de trabalho ia até sete da noite, normalmente. Satisfeito com a informação, e vendo que ainda era relativamente cedo, cinco da tarde, Osmar continuou sua investigação, procurando saber mais sobre a menina e sobre João Boto.

– A menina? Emputeceu, seu moço! Pois que havia de fazer? Assim que o padraсто lhe comeu os tamos à força – diz que judiou muito da bichinha, que fez de tudo que é jeito, entende? Que lhe deu uma surra muito grande, porque ela não queria se abrir de jeito nenhum. Depois que fez o serviço, ele deu uma surra na mãe dela também, porque ela teve coragem de reclamar quando ficou sabendo. Só que, antes disso, ele apavorou a criança, dizendo que ia matar a menina e a mãe dela, se ela contasse o que tinha acontecido e se ousasse se negar a ele outras vezes, todas as vezes que ele quisesse.

Jeremias começou a ver tudo vermelho, a mão procurou instintivamente a peixeira. Mas Osmar lhe fez sinal para se aquietar e continuou a assuntar:

– E como é que mecê tá sabendo disso tudo?

– Pois se não é o próprio João Boto que conta todo dia isso pra quem quiser ouvir? Tá interessado, moço? Pois é só ficar por aqui mais uns minutinhos que logo, logo, ele aparece por aqui pra tomar umas e outras e se fazer de valente.

– E ele é valente mesmo? – entusiasmou-se Jeremias.

– Com a gente, ele é sim. Sabe como é, ele tem mais de uma morte nas costas, anda sempre com um punhal, que jura que usou para isso. Já bateu em muita gente desta vila e vive sempre procurando encrenca. Nas primeiras doses de cachaça, já começa a provocar a gente para briga. É claro que ninguém aqui tem coragem de se meter com ele. Mesmo quando ele se mete com as mulheres dos outros, o que ele vive fazendo. Se não respeitou nem a própria enteada, que é uma criança, imagina se vai respeitar filha dos outros ou mulher casada! O pessoal aqui tem muito medo dele, mas também ninguém gosta dele, não.

– E por causa di que ocês não se reuniu nunca pra dá um jeito no disinfeliz? – a pergunta foi feita por Osmar.

– Porque ninguém tem coragem de ser o líder, compreende. Como eu disse, aqui todo mundo tem medo dele.

– E num tem polícia? – o sangue de Jeremias fervia cada vez que ele falava esse nome.

– Tem um delegado novinho, muito rapaz, não sabe? É da capital, só fica aqui um par de dias e some, deixa tudo na mão do sargento Elias. E ninguém, nunca, teve coragem de dar parte do homem, entende? Quem vai ter ousadia de fazer isso? Pois se nem mesmo a mãe da Ritinha teve...

– E o que é da minina? – perguntou Jeremias.

– Como lhe disse, emputeceu. Com medo de João Boto, ela fugiu de casa, só com a roupa do corpo, toda manchada de sangue, dava dó. Aí não tinha pra onde ir, sentou medo, depois veio a fome, o povo todo sabendo do sucedido. Bem, poucos dias depois já estava no posto de gasolina, lá na estrada, fazendo a vida com caminhoneiros. É uma coisa dura de se dizer, seu moço, mas ninguém tem coragem de ajudar, por medo de João Boto, que avisou para ninguém se meter com a menina. E olhe, falando no diabo, apontam os chifres: aí tá o homem chegando.

Os dois Timbó se voltaram e encararam o homem de meia idade, estatura mediana, mas compleição forte. Viram que ele estava armado de peixeira e punhal. Ao passar pelos forasteiros, dirigiu a eles um olhar ameaçador. Foi a deixa para Jeremias, que já não se agüentava mais:

– Tá mi olhando com esses óio feio por que qué namorá comigo, minha frô?

– O que qui ocê disse, cabra safado?! Qué morrê, abestado? Intão num sabe com quem tá falando?

– Sei sim! Com um chibungo, um frufu, um covarde qui só tem corage pra bate em mulé.

Foi o maior alvoroço! Havia uns quinze homens presentes no bar e ninguém entendeu o que estava acontecendo, nem mesmo João Boto. Afinal, quem era aquele doido, capaz de provocar o maior arruaceiro da cidade, com crimes de morte nas costas, temido e odiado por quase todos? Aquele forasteiro tinha provocado a própria morte, só podia ser um lunático, com certeza.

João Boto tinha agora que defender seu prestígio. O imbecil o havia desacatado na maior cara dura, estava na hora de lhe dar um corretivo completo, furar o infeliz todo na peixeira, arrancar-lhe as orelhas com o punhal. O sangue de João Boto estava mais do que fervendo, quando ele empunhou punhal e peixeira, um em cada mão, e gritou:

– Pois agora ocê vai morrê, seu besta! – E já ia pulando em cima do adversário, quando notou, pela primeira vez, a presença do outro estranho, Osmar. Este havia levantado da cadeira, colocando-se ao lado de Jeremias. O mais notável, é que os dois homens sorriam, como se estivessem se divertindo muito. João Boto estacou por um momento, não estava preparado para enfrentar dois homens ao mesmo tempo. Olhou rapidamente para os lados, para avaliar se algum daqueles outros homens poderia vir se juntar a ele. Era evidente que não. Ia ter que lutar sozinho. Foi quando Jeremias falou para o irmão:

– Pode sentá di novo, mano véio. Prá encará esse chibungo mirradinho num carece di dois macho, não. Dexe qui eu tomo conta dela, dessa frufuzinha, sozinho.

Osmar fez que sim com a cabeça, voltou à cadeira e cruzou as pernas, voltando a beber sua cachaça com cara de enfado. Isso foi o suficiente para dar segurança a João Boto, que partiu como um louco para cima de Jeremias, que o olhava com um sorriso nos lábios, mas agora com um olhar gelado e sinistro. Avançando com a peixeira na mão esquerda, por baixo, e o punhal na direita, por cima, João Boto gritou:

– Morre agora, mardito!

Mas o que se viu a seguir chegou às raias do inacreditável para aquela gente toda, João Boto inclusive. Quando a mão com o punhal estava chegando perto do pescoço de Jeremias, este pegou o braço do agressor e, com um impressionante giro de corpo, não só se desviou da peixeira que vinha por baixo, em direção à barriga, como fez João Boto mergulhar espetacularmente em direção ao chão, onde ele foi se estatelar amassando a cara. Antes que ele pudesse entender o que tinha acontecido, aturdido pelo choque, já o forasteiro o havia desarmado. Com um movimento extremamente rápido, tomou-lhe faca e punhal e os atirou para o irmão.

Osmar esperou que as armas caíssem no chão, levantou-se da cadeira e as apanhou. Espetou o punhal na mesa onde estava e, voltando a sentar e cruzar as pernas, retornou calmamente ao divertimento de sorver sua cachaçinha na maior calma.

Quanto a Jeremias, ficou em pé, braços cruzados, sorrindo, esperando que João Boto se levantasse do chão. Este, passada a surpresa e o susto, estava agora mais possesso do que nunca, via seu reinado em risco de desabar, não podia ficar desmoralizado perante aquele povo, tinha que fazer alguma coisa, tinha que matar aquele desgraçado sem as armas mesmo. Ia ser no muque. E partiu de novo para cima de Jeremias, desfechando um soco que era um verdadeiro coice de mula.

Mas o que aconteceu foi que a cena anterior se repetiu. Jeremias pegou o braço de João Boto, interpôs seu próprio corpo na trajetória do agressor e, com um rápido giro e um puxão, o fez estatelar-se no chão outra vez. Desta vez o impulso foi muito maior, proporcional à força do gorado coice de mula. João Boto rolou pelo chão, o barulho foi algo impressionante. A força do impacto foi tanta que o deixou sem respiração por vários segundos. Quando conseguiu respirar, a dor apareceu em todos os ossos, em todos os músculos, parecia que tinha levado uma enorme surra.

Bem, pena para o padraço de Ritinha, que a coisa não pudesse ficar só no parecer. Surra de verdade foi o que Jeremias começou a lhe aplicar no minuto seguinte. Batia no homem apenas com as mãos abertas, espalmadas, sem jamais lhe desferir um único soco de punho fechado. Jeremias estapeava e falava:

– Vai apanhar de tapa, como mulher que é!

E só se ouvia paff, e paff, e paff e os gemidos de João Boto, cada vez mais altos, transformando-se em gritos engolidos de dor. A velocidade dos golpes era tanta que João Boto não conseguia se defender, que dirá reagir. Jeremias falando de novo:

– Este é pela minina. Este pela mãe dela. Este é pelos qui ocê matô. Este é por esses cabra froxo qui tivero medo d’ocê, seu merda! Este é por painho, qui ocê vai logo cunhecê. I este é pela noivinha! – e Jeremias passou uma rasteira em João, que desabou pesadamente no chão, outra vez.

– Si alevanta, seu chibungo froxo! Quem le deu licença di discansá no chão, seu prigiçoso? Si alevanta pra apanhá mais!

E puxava João Boto para cima, obrigando-o a se erguer, já com as pernas bambas, incapazes de sustentá-lo em pé. Jeremias agora passou a desferir uma série de tapas contra o estômago do homem, que desabou em seguida, quase desacordado. Nesse momento dois ou três homens fizeram menção de avançar em direção a Jeremias. Foi quando viram Osmar levantar da mesa, com a peixeira e o punhal de João Boto. Recuaram imediatamente. Para surpresa de todos, Osmar simplesmente jogou as armas no chão, em frente aos candidatos a agressores e desafiou:

– Ói as arma aí, gentes! Eu num prciso delas pra dá em ocês. Porque qui ocês num aproveita e ataca mano véio cum elas, como o bestalhão qui tá no chão já feiz?

Silêncio total. Então os dois irmãos ergueram João Boto do chão e o levaram meio carregado, andando trôpego, para fora. Jeremias falou, ao sair:

– Agora nós vai levá o diabo aqui pra painho. E ocês num seja besta di si metê no nosso caminho.

Apesar disso, seis homens saíram do bar, três deles armados com paus e uma foice. Cercaram os dois irmãos, o que animou João Boto que já se recuperava. Foi quando Jeremias falou:

– Mai intão qué dizê qui ocês qué defendê esse coisa ruim aqui, é? Ocês num qué deixá nós levá ele pra nosso painho, Dito Timbó? – mas os homens caíram na gargalhada, achando que era mentira, é claro – Qué dizê qui ocês ameaça nós dois i ocês é só sete, contando a frufruzinha aqui? Vão tê a ousadia, é? Vão tê mesmo, seus merda?!

Nesse momento ouviu-se o ruído dos cascos de um cavalo, vindo do beco atrás deles. Todos se

voltaram e alguns reconheceram o homem montado, para pavor geral: era Dito Timbó em pessoa!

– Vão tê não... – disse o pistoleiro, com voz calma e arrastada.

Dito Timbó! Sim, era ele mesmo! Quem ali nunca tinha visto uma das muitas fotografias do famoso matador, volta e meia estampada nos jornais, até mesmo nos da capital? Dois dos homens já o tinham visto pessoalmente, à distância, uma vez que Dito circulava livremente pela região, sem ter que se acoitar por causa de polícia ou de homens a fim de vingança.

O padraсто começou a tremer e caiu de joelhos, suplicando:

– Seu Dito, pelo amor de Deus, eu num fiz nada! Mi perdoe, num fui eu qui comecei a briga, foi seu fio qui mi provocô, todo mundo viu isso. E aí eu briguei, mas o moço me deu a maior coça, seu Dito. Mi releve, pelo amor de Deus! Eu num fiz nada pro seu fio!

– E num feiz mesmo. Se alevante! Deixem o home si erguê, num sujeita ele – Dito disse isso com toda a tranqüilidade, com um quase sorriso nos lábios.

O cabra respirou aliviado, ressuscitou dos mortos, o matador tinha compreendido a situação. Ergueu-se de um salto, feliz da vida. Começou a se curvar, fazendo gestos repetidos de gratidão.

– Mas fez cum minha fia, seu cabra safado! – e agora Dito Timbó tinha o revólver na mão. O homem voltou a tremer, assustado. Que história maluca era aquela?

– Sua fia?! Que qui é isso, Seu Dito? Num cunheço fia sua nenhuma, juro pelo qui há di mais sagrado!

– Pois foi cum Ritinha, seu mardito!

– Mas... Mas... Mas Ritinha é mermo sua fia? É verdade intão?

– Verdade verdadeira – e todos ouviram o ruído da arma sendo engatilhada.

O padraсто começou a tremer mais fortemente. Caiu de joelhos de novo. Mas agora entendeu que não adiantava falar mais nada. Ia morrer ali mesmo, naquele minuto. Entendeu tarde demais que o que a mulher falava de Ritinha era verdade. Inúmeras vezes ela o havia advertido:

– Você bata em mim e nas crianças, faça o que quiser, mas você nunca bula com Ritinha. Ela é filha de Dito Timbó e você sabe muito bem quem é Dito Timbó. Eu tô vendo seus olhos pra menina, tô vendo qual é sua tenção com ela. Pois não faça, que se você fizer maldade com ela, eu juro que mando contar tudo pro pai dela. Não faça!

É claro que ele nunca acreditou nessa bobagem, truque de mãe que queria salvar os tampos da filha. Quando chegou a propícia situação, cachaça e tesão, a bichinha na flor da idade, até os peitinhos já começando a apontar, não se segurou mais. *Prá quê?* Pois se ele não comesse, logo, logo, algum outro haveria de comer. Melhor que fosse ele, que gastava do seu para dar de comer àquela moleca da mulher. Já estava na hora da menina mostrar gratidão. Pois que abrisse as pernas para agradecer. Por bem ou por mal. Por bem ela não quis, então foi por mal. Mas agora a desgraça dele estava feita! Pois então não era verdade que o pai da dita cuja era mesmo Dito Timbó?! Mas ele era mesmo muito azarado! Podia ter pegado Manoela, era até um ano mais velha que Ritinha, já tinha doze anos

completos. Mas não tinha graça, não dava tesão como a outra. É, mas pelo menos não era filha de Dito Timbó...

Bem, mas agora era besteira ficar lembrando disso. O que estava feito, estava feito. Ia morrer. Estava frente ao pai da menina que descabara à força. O código era muito claro: o pai primeiro capava e depois matava o desgraçado da filha. Não tinha perdão. Ficou tremendo de medo, implorando mentalmente pelo tiro de misericórdia. Teve certeza da morte chegando, o homem já tinha até engatilhado a arma, sentiu um alívio enorme, morria inteiro, com os bagos no lugar. Pois então havia de morrer como homem. Já que morria inteiro, como um homem também não iria suplicar pela vida. Besteira, era inútil, estava morto mesmo...

Dito Timbó voltou a arma na direção dos outros seis homens que olhavam a cena de olhos esbugalhados e deu um tiro para o chão, bem perto dos pés deles. Os homens levaram o maior susto.

– Capa o gato, cambada di porcaria! Deita a corrê agora i num pára até chegá in casa di cada um! Si iscafede daqui!

Quando Dito terminou a frase, o homem mais próximo já estava a uns dez metros de distância, na correria mais desabalada. Sumiram todos em segundos, cada um esperando apavorado a bala que ia entrar pelas costas. Salvaram-se todos. Dito voltou-se então para os filhos, que aguardavam, divertidos:

– Ocês ergue o mardito agora. Vamo pro dotorzinho. Tá na hora di começa a apricá o corretivo.

Então a cidadezinha viu, alvoroçada, uma estranha procissão avançar pela rua principal: Três homens fortes sujeitando um quarto, que não era ninguém menos que o maldito do João Boto. Atrás deles, um homem soturno seguia a cavalo, em passo lento.

– É Dito Timbó, gentes! Corre pra vê! Dito Timbó lá levando o desgraçado do João Boto. Pra onde será?

– Bem feito! Disgramado! Tanto qui feiz qui chegô o dia dele. Argüem incomendô ele pra Seu Timbó. Tá morto. Coisa boa...

– Pois já vai tarde, nojento!

– Tamo livre desse disgramado finarmente... Deus é pai!

– Num bota Deus nisso qui é pecado, ó xente! Pois si vão matá um home...

– Ah, tá cum pena dele, tá? Intão vai lá e pede ele pro Seu Dito, leva ele pra tua casa, pra sê teu marido, leva.

– Cruz credo! Num diz uma coisa dessas, mulé! Só falei pra num dizê o nome di Deus, o resto tá tudo certo. Seu Dito qui dê um jeito no diabo, é bem feito sim. Ele bem qui merece.

E o grupo, engrossado aos poucos por novos curiosos, começou a seguir Timbó e os outros homens a uma prudente distância. Com dois gestos simples, feitos de cima do cavalo, Dito Timbó lhes deu licença de segui-lo, mas impôs a necessária distância. Só que a procissão foi de curta duração: Logo os homens chegaram em frente ao pequeno hospital, o único da cidadezinha. Para surpresa dos

espectadores, entraram porta adentro.

Dito foi o último a entrar e fez um claríssimo sinal para que o povo que estava lá fora, lá fora ficasse. Foi um *frisson* geral, havia gente que se sentia morrer de tanta curiosidade. Os homens que entraram aguardaram na sala de recepção, enquanto Jeremias, o filho mais velho, foi buscar o médico. Não se pode dizer que Jeremias fosse um sujeito de bons modos. Em poucos segundos voltou trazendo o Dr. Epaminondas pelo braço, meio que a pulso. Ao chegar, falou:

– Este é painho Dito Timbó. E ele tem uma coisa pra dizê pra ocê.

O caboclo trigueiro se aproximou do médico e deu-lhe um aperto enérgico na mão.

– Pois, dotor, ande dereito cum Dito Timbó e tudo anda bem cum o sinhô. Vim aqui pedí um favô. Este home precisa duma operação e o sinhô vai tê qui fazê, ah, si vai!

Dr. Epaminondas, veterano e pragmático, não chegou a ter medo de Dito e dos outros homens. Sabia que, se o procuravam, é porque precisavam dele. Sabia também que devia fazer tudo o que aqueles homens mandassem. Afinal, também ele conhecia de sobra a fama de Dito Timbó.

– Pois não, os senhores podem contar comigo. Qual é o problema? O que o homem precisa operar? Não é melhor eu começar por um bom exame?

– Num carece, dotor – quem falou agora foi Osmar, o filho mais moço – Nós já tem o tar do diaguinósti, já sabe o qui tem qui operá. Ele cumeu nossa irmã di menor, num sabe? Nós troxi ele aqui qui é pra modi o sinhô capá ele pra nós. Cum cuidado, nós num qué qui o safado morra, não. Num qué qui dê a tar di infecção. Intão nós troxi ele aqui pro sinhô tirá os bago dele cum nestesia e tudo, cum higiene, sabe cumé?

Epaminondas, o pragmático, sabia quando estava perante o irrecorrível na vida. Ordem dada, nessas condições, é ordem para ser cumprida, sem discussão. Ali mesmo na recepção aplicou um anestésico na veia do paciente, que não abria a boca para nada e nem se debatia. Outro pragmático: *adeus, bagos!* Ao menos ficava vivo. Quer dizer, sempre restava um fio de esperança...

Pela primeira vez se via algo assim tão inusitado na história do sertão nordestino, um homem ia ser capado com todos os cuidados médicos, nada de corte bruto, na base da peixeira suja.

O paciente apagou em seguida. Dr. Epaminondas o fez transportar para a pequena e limpa sala de cirurgia e ali obrou com a conhecida competência, removendo rapidamente o doravante inútil instrumento e seus anexos. Uma dupla fileira de pontos bem aplicados – Dr. Epaminondas era conhecido pela beleza e delicadeza de suas suturas – e o homem, quer dizer, o... o... agora mais ou menos homem, foi recolhido para um quarto, com o curativo aplicado e a habitual dose de antibióticos e sedativos.

– Mi diga, dotor, quanto tempo leva pra gente podê leva o home imhora, sem tê pobrema de apustemá a firida? – quem quis saber agora foi Bastião, o filho de Dito que morava em Juazeiro do Norte.

– Bem, o ideal é uma semana. Mas os senhores fiquem à vontade, podem levar o homem quando quiserem, até hoje de noite mesmo. Conhecendo esse demônio como eu conheço, não faço questão nenhuma de ficar com ele aqui mais do que o absolutamente indispensável. Mas eu deixo a critério dos

amigos esse tal de indispensável – Dr. Epaminondas queria, na verdade, se livrar daquele abacaxi o mais rápido possível. Não queria incômodos e também não sentia quaisquer pruridos éticos por conta de quem era o paciente, um consumado mau elemento.

– Pois intão nós faiz seguinte: deixa ele aqui mais Bastião di guarda, pra módi o disinfeliz num querê si iscapá. Aí nós tudo vorta amanhã di tarde i vê si pode levá o dito cujo.

Na verdade foram necessários quatro dias inteiros até o Dr. Epaminondas poder dar alta ao paciente, com um mínimo de condições para garantir sua sobrevivência. Saiu andando com bastante dificuldade, amparado por dois homens. Durante esses quatro dias os visitantes acabaram ficando no hospital mesmo, em um dos quartos de enfermaria, que tinha seis camas vazias. Um deles sempre ficava colado em João Boto, os outros três saíam e andavam pela cidade, de prosa com todo mundo.

A história do descabamento da menina de dez anos já tinha corrido mundo, juntando ainda mais solidariedade do povo aos membros daquela família ofendida. Não bastasse a grande fama de Dito Timbó, que fazia com que fosse uma honra para um habitante da cidade apertar-lhe a mão, ainda tinham a oportunidade de conhecer mais três cabras machos, todos filhos de Timbó, todos eles aprendizes de matador. Isso causava um profundo impacto naquelas pessoas simples.

O retratista do lugar não dava vencimento de tirar e revelar fotografias em que os moradores, homens, mulheres e crianças, queriam aparecer ao lado daquelas celebridades. De mais a mais, a punição de João Boto despertava grande comoção e simpatia, a vontade de vê-lo desgraçado sendo uma das poucas unanimidades numa cidadezinha como aquela, irremediavelmente cindida ao meio pela política local.

O fato é que, quando o cabra malvado pôde andar, a procissão foi formada novamente. Outra vez a cidade se agitou, todos interessados em saber qual seria o desfecho do caso e o destino final de João Boto.

Como mais tarde se soube, toda a ação foi fruto da mente modernosa de Osmar, o filho mais moço dentre os três que ali estavam. Diferente dos irmãos e do pai, analfabetos, Osmar tinha as luzes da educação. Conseguia assinar seu nome e ler aos tropeços, se o texto não fosse muito difícil, como aqueles de livro. Tinha quatro anos de curso primário nas costas. Está certo que os quatro foram todos na primeira série, de onde saiu irremediavelmente reprovado. Mas, depois de tanto tempo, alguma coisa conseguira penetrar naquele duro bestunto.

Ao decidir, como os outros dois irmãos ali presentes, seguir a invejável carreira do pai, os anos de acultramento pesaram a favor de uma visão mais moderna e sofisticada da arte de justiça ou despachar por encomenda. Foi de sua brilhante e culta cabeça que saiu o plano que estava sendo desenvolvido ali, tendo João Boto como figurante principal.

É bem certo que teve muita dificuldade para convencer o pai, caboclo velho e rústico, de poucas luzes, acostumado a resolver as coisas na hora, na peixeira, revólver ou repetição. Por ele, Dito Timbó, João Boto já estaria capado e estirado, coisa de pouco tempo, menos de uma hora. Mas aquele menino, o único entre eles que era estudado, quase um doutor, viera com aquela novidade esquisita, a tal idéia da noivinha.

E agora a idéia ia ser aplicada em sua totalidade. Quando a procissão se formou – Dito Timbó a cavalo, os três filhos e um claudicante João Boto, todos a pé, mais a pequena multidão atrás do andor

dos Timbó – ela seguiu em direção ao centro da cidade. Como esta era muito pequena e o ‘centro’ era quase que toda a cidade, em três quarteirões chegaram à segunda estação da nova *Via Crucis* encenada por João Boto. Pararam todos em frente à loja “A Principal”. Os Timbó e o lento padraço entraram, a multidão, prudentemente apinhada na calçada em frente, desmanchando-se em conjecturas e interrogações.

Tardaram coisa de quinze minutos. Quando saíram, o povaréu explodiu numa gargalhada sem fim. João Boto saiu da loja sem as calças, só tinha visível uma atadura nas ex-partes baixas, sendo evidente a falta da documentação masculina. Mas o mais hilário, para a multidão, foi ver aquele homem trigueiro, de média estatura, magro, com uma barba esbranquiçada crescida de vários dias, tendo o peito recoberto por uma blusa branca, feminina. Na cabeça, levava um véu e uma grinalda de noiva. E, na mão direita, segurava um buquê branco, de noiva também.

– Ói só, gentes! Pois si não é João Boto vestido di noiva!

– Arre égua! Oi lá, não tem mais os culhão! Bem feito!

– Vixe, onde é que a noivinha vai?

– Qué casá comigo, minha frô?

– Não, ocê não! Deixa qui eu vô leva ela pro Tisnado, meu jegue. Aceita Tisnado por marido, sinhá? Dexe qui ele vai le satisfazê i é um muito!

– Vai pra igreja, noivinha? Qui é do noivo?

– O noivo é meu jegue, é Tisnado, eu já disse.

– Ói qui eles tá andando di novo! Vamo siguí!

E a procissão retomou seu passo lento, seguindo os Timbó e seu prisioneiro. Novamente a marcha foi decepcionantemente curta. Em dois quarteirões já estavam parando de novo. Desta vez, em frente à Delegacia. Terceira estação da *Via Crucis*.

Polícia?! Aquilo era a última coisa que se podia esperar de Dito Timbó ou de qualquer matador. Que dirá de um grupo de quatro matadores! Mas era verdade. Os homens entraram delegacia adentro. Dito foi logo perguntando, com autoridade:

– Cadê Seu Delegado? Nóis qué um dedo di prosa cum ele. E é pra já!

– Seu delegado tá fora da cidade, Seu Dito, em diligência. Eu juro! – o sargento, oficiando de delegado substituto, falava com voz trêmula, mas era o único macho a ficar no cargo, segurando a vergonha da Pátria amada. Os outros três praças se escafederam pela porta dos fundos, provavelmente estejam correndo até hoje. O delegado estava, desde a chegada dos Timbó, prudentemente acoitado em uma fazenda do município ao lado. Seguro morreu de velho, nunca se sabe.

– Intão tá bom, serve ocê mesmo, qui é a otoridade. Nós troxi esse home qui é pra módi ele sê preso.

– E a acusação qual é? – perguntou o sargento, mais à vontade, tentando mostrar sua autoridade e seu

conhecimento da lei.

Bastião perdeu a paciência com a ousadia do homenzinho.

Puxou a peixeira e a cravou na mesa do sargento:

– Ora, ora, mecê num si faça di ingraçadinho! Intão num sabe o qui esse fio duma égua disgramado feiz, não?!

– Sei! Sei! Sei!!! Sei, sim, seu moço, não se exalte! Eu sei, sim, perguntei por perguntar, é dever do meu ofício, sabe? Afinal, estou no lugar do Dr. Delegado. Mas eu sei, ele comeu os tampos de um menina de menor, tem que ser preso mesmo.

– Minina essa qui acuntece di sê nossa parenta, num sabe? – foi a vez de Jeremias encarar o sargento com cara de poucos amigos.

– Sim, sim, eu fiquei sabendo de tudo. Por favor, os senhores sentem aqui, que eu vou providenciar os documentos para lavar a prisão do mequetrefe agora mesmo.

– Num carece, seu sargento delegado – afirmou o filho mais novo. – Isso o sinhô faiz dispois. Agora nós qué vê é a cela dos prisonero. Quantos home tem preso hoje aqui?

– Bem, o senhor compreende, não é? A gente só tem uma cela e tem preso demais nela. Eu peço desculpas se não vou poder colocar o prisioneiro de vocês numa cela só dele – e o sargento se desculpava em mil medidas.

– Ara, ara, mas quem é qui qué uma cela só pro bandido? Pois si nós tá aqui é pra bota ele na jaula cum os otro preso, si é!

– Ah, os senhores querem que ele fique na mesma cela com os outros? Ah, bom, nesse caso, não tem problema nenhum.

E o esperto sargento começou a rir. Estava entendendo enfim qual era a intenção dos Timbó. Agora ficava claro porque o tinham trazido ali, vestido daquele jeito, de noiva.

Osmar, o artífice por trás da luminosa idéia, tomou a si a condução da cerimônia nupcial que se seguiu:

– Pois nós tem aqui a noivinha prá casá. Mas o sinhô ainda não disse quantos são os marido dela qui istão na cela.

– Ah, mas são seis homens, seu moço. Será que esse número é bom para a sua idéia?

Osmar olhou para os parentes, viu os olhos de João Boto se arregalarem ainda mais, puro cagaço!

– É, acho qui tá bom pra começá. Pois intão vamo levá a noivinha pra casa dela!

O sargento abriu a porta de grade, retirando o grosso cadeado. Os outros presos olharam a cena surpresos, mas começaram logo a rir, ao reconhecer João Boto naquelas roupas de noiva. Aí

reconheceram Dito Timbó e perderam a vontade de rir. Ficou a curiosidade. Osmar sentenciou:

– Ói qui filicidade pr'ocês esta tarde: Ocês tá tudo na mão faiz um tempão, mais agora nós tá trazendo pr'ocês uma noivinha – e empurrou João Boto para dentro da cela, onde os outros homens o receberam com gargalhadas, beliscões no traseiro desnudo e tudo o mais a que uma noivinha tinha direito na tarde gloriosa de suas núpcias com seus maridos.

Que Dona Flor, que nada! Gulosa, a noivinha ia encarar logo *seis* maridos, todos de uma só vez.

Sargento Elias ria às bandeiras despregadas. Dobrava-se de tanto rir, chegava a perder a fala e a respiração, os olhos cheios de lágrimas. Sim, senhor! Quando é que ia poder imaginar uma coisa assim, tão insólita? Pois não é que um jagunço, um jagunço que era o mais famoso e o mais temido matador de toda a região, lhe trazia aquele desordeiro ali, pronto para ser preso? Um matador – aliás, um não, *quatro* ao todo – bandido matador dando uma de policial, prendendo bandido descabaçador e fazendo entrega em domicílio, direto na delegacia, mas que mundo era esse, meu Deus?! O que mais faltava inventarem?!

Pois a resposta estava ali mesmo: bandido doutor, fazendo castrar cirurgicamente bandido estuprador, com cuidados e requintes de assepsia. Mais essa, Senhor! E a execução final do plano, então: tirar as calças do homem (homem?), vesti-lo de noiva, desfilar com ele pela cidade e, por fim, entregá-lo como noivinha a seis maridos de má catadura, prisioneiros evidentemente famintos de mulher.

Pois os seis homens, os felizes e surpresos maridos, confabularam um pouco entre si, decidiram-se por prioridades, estabeleceram a fila, os turnos e o revezamento. E partiram imediatamente para a execução.

(continua na página 99 de A ESPERA E A NOIVINHA)

RITINHA

Pág. 113

Enquanto Dito Timbó se entendia com Marta e Manuela, seus três filhos, Osmar, Bastião e Jeremias, procuravam entrar em contato com Ritinha. Bastião era o mais interessado. Estava encantado com a idéia de ter uma irmã criança e, ao mesmo tempo, extremamente penalizado com o que havia acontecido com ela. Osmar também ficara sensibilizado com a situação da menina e manifestava que, ainda que chegassem à conclusão que ela não era irmã deles, deviam fazer alguma coisa por ela. Tirá-la da estrada era o mínimo que deviam fazer.

Já Jeremias era mais conservador. Irmão mais velho, era o que mais se assemelhava na forma de pensar ao pai. Para ele, assim como para Dito Timbó, o caso de Ritinha era um caso perdido. Já lhe haviam comido os tampos, portanto não era mais donzela. Ora, menina nova que não é mais donzela, não pode dar em coisa que preste. Não importa que ela tenha sido descabaçada à força, resistindo e apanhando do agressor. O que importa é que o cabaço não tinha mais existência. Então, o que ia impedir essa menina de andar depois por aí, se deitando com os meninos da idade dela? Ou dando para rapazes e homens mais velhos? Nada! O resultado é que ia arranjar barriga em seguida. Além do mais, mulher comida acaba tomando gosto pela coisa e aí vai querer mais e mais. Acaba virando uma

desavergonhada, uma qualquer, uma mulher fácil que qualquer um leva pra cama. Daí a se tornar puta é só mais um passinho.

No caso de Ritinha, raciocinava Jeremias, nem tinha sido preciso esperar tempo algum. Nem bem o homem tinha lhe feito o serviço, a desavergonhada já estava pelas estradas vendendo o xibiu e o rabo. Tá se vendo que não prestava mesmo. Se não fosse o padrasto, algum outro ia logo enfiar nela e fazer dela mais uma mulher arrombada. Essa aí não tinha mais jeito, painho Dito é que tinha razão. Já tinha escolhido ser puta e, se já estava na putaria há vários dias, é porque queria; devia gostar, a sem-vergonha. Jeremias sacudia a cabeça, achava uma besteira o que queriam fazer aqueles seus irmãos mais moços, uns sentimentais sem cabeça, sem juízo.

Pois então painho já não tinha falado o que pensava sobre a menina? Que era mesmo um caso perdido e que ele, Dito Timbó, mesmo que lhe provassem com documento e exame de laboratório, desses que estavam na moda agora, que a menina era filha dele no duro, ele é que não ia querer saber de uma filha puta. Se ela escolheu esse caminho, azar dela. Pois que seguisse agora por ele. Ninguém tinha obrigado, foi para a sem-vergonha por que quis – esse era o pensar do velho Timbó. Jeremias assinava em cruz, rezava pelo mesmo catecismo do pai.

Mas aqueles meninos, seus irmãos mais moços, eram uns sonhadores sem juízo. Onde já se viu não seguir a idéia de painho? Por que perderem tempo atrás da putinha? Só se eles estavam querendo era outra coisa. Como a menina dificilmente seria mesmo irmã deles, vai ver que o que atiçava a curiosidade dos dois era mesmo a vontade de comer a tal Ritinha. Ainda mais que o povo falava que ela era por demais bonita, uma formosura de rosto e com um corpinho que já tinha a bunda empinada e as pernas grossas, só faltava mesmo era crescerem os peitos.

Pensando assim, Jeremias ficou mais tranqüilo. Mas que danados, aqueles irmãos seus! Pois tá na cara que só podia ser isso, por isso é que estavam querendo achar a tal da menina. Queriam era comer a bonitinha, era isso! E ele se preocupando à toa, com medo que os desmiolados fossem fazer coisa que desagradasse o velho, algo impensável para ele, Jeremias. Para este filho mais velho, era Deus no céu e Dito Timbó na Terra. No íntimo era até Dito Timbó no céu e Dito Timbó na Terra, isso sim! Palavra de painho não só era uma ordem, mas era algo de sagrado. Na sua simplicidade rústica, Jeremias endeusava o pai completamente.

Contente com sua conclusão a respeito do interesse daqueles dois malandros pela mocinha, Jeremias resolveu não acompanhar mais os irmãos. Ia ser perda de tempo demais. Primeiro um, depois o outro, iam se meter em algum quarto com a putinha e sabe-se lá quanto tempo iam levar cada um. Ele é que não ia ficar horas esperando feito besta. Despediu-se dos irmãos e embarafustou-se no bar do posto de gasolina, tão logo chegaram a ele. Foi para os fundos, onde corria um carteado solto, diz que aposta alta, coisa de mais de cinco reais. Taí, Jeremias gostava de um carteado, quem sabe não era hoje o seu dia de sorte? Avisou aos manos que ia ficar por ali no jogo e eles partiram em busca de informações sobre a garota.

Com certeza Jeremias ficaria decepcionado e, de novo, preocupado, se soubesse que na cabeça de seus irmãos não passara jamais a idéia de procurar a menina como mulher da vida. Ambos tinham a genuína intenção de encontrar a criança e ajudá-la do jeito que fosse possível. Para Osmar, podia ser sua irmã e por isso ele devia ajudar. Para Bastião, mais sentimental ainda, era só uma criança de dez anos, abusada e machucada por um boçal, que já tinha recebido o castigo merecido, mas era só por isso que ele devia ajudá-la. Se fosse sua irmã, tanto melhor. Se não fosse, não era por isso que Bastião ia deixar de lhe estender a mão. Não é porque ele era bandido matador que não tinha dó dos outros.

Pois se algumas vezes chegava a sentir dó de sua futura vítima!

Mais de uma vez enjeitara encomenda por causa disso, não estava convencido de que o encomendado merecia morrer. De uma certa feita, até tinha devolvido o adiantamento do pagamento. O contratante ficou furioso e desacatou Bastião por causa disso, na frente de um monte de gente. Bastião atirou o dinheiro nas fuças do homem e deu-lhe uns bons tabefes na cara. Depois, por segurança, esperou o disgramado atrás do muro do cemitério e o despachou ali mesmo, com um único disparo no peito. Aproveitou o lugar e jogou o corpo do homem para dentro, por cima do muro, que não era lá muito alto: *Vai, coisa ruim, agora tu já pode, tu já é um deles!* Depois desse rápido episódio de somenos importância, Bastião nunca mais teve dificuldade com seus cancelamentos de contratos verbais.

Mas este caso da menina Ritinha era coisa muito séria. Bastião havia pensado muito, durante os dias em que esperavam que a ferida de João Boto cicatrizasse. Ouvira a opinião do pai e, pela primeira vez, apanhou-se discordando do velho. Ficou muito chateado com isso e foi desabafar com mano Osmar. Para sua surpresa, também o irmão mais moço pensava como ele. Osmar era um porreta de um homem inteligente, estudado, sabia até ler um pouco. Pois Osmar disse para Bastião que o pai deles era um homem de certa idade, não que fosse velho, mas era de outro tempo. As coisas agora eram diferentes, os homens tinham que seguir seu próprio tempo.

Bastião ficou tremendamente impressionado com essa frase. Não se cansava de repeti-la mentalmente. Ele, Bastião, era um homem moderno, devia seguir o seu tempo, era isso. E, pelo que conseguira entender dessa coisa de seguir o seu tempo, isso parecia que era pensar diferente de painho!

E, desta vez, Bastião pensava diferente mesmo. Sua opinião era uma, a do pai era outra. Não achava certo abandonar uma criança de dez anos na rua e na prostituição, depois de ter passado por tudo o que ela passou. Não importava, para Bastião, que a menina fosse sua irmã ou não. Importava que era uma grande injustiça o que tinha acontecido com ela. Ele pedira e obtivera de Dito Timbó licença para que ele e os irmãos o acompanhassem na missão de correção contra João Boto. Essa missão estava cumprida e encerrada. Mas, para Bastião, o trabalho ainda não estava completo. Uma reparação total à menina não podia envolver apenas a punição a seu estuprador. Afinal, isso fora feito muito mais como cumprimento do ritual de vingança da família ofendida. E, também, porque o homem havia ousado dizer que não temia um homem velho como Dito Timbó.

Pois painho aceitara vir mais para castigar a ousadia do desinfeliz do que para reparar a honra da família. Era evidente que ele não havia acreditado que Ritinha fosse mesmo sua filha. Assim sendo, que honra havia para lavar?

E se houvesse? E se Ritinha fosse mesmo uma Timbó, irmã dele e de todos os tantos filhos e filhas de Dito? Então não era mesmo pior a coisa? Não era o caso de a família se unir não só para castrar e matar o descabaçador, mas para ajudar a irmã desgraçada pelo maldito? Por que razão painho – e Jeremias também, outro jegue de teimoso – se recusavam a ajudar e, até mesmo, a conhecer a menina? Jeremias viera com eles a muito custo, mas, ao chegar ao posto de gasolina, não quis mais acompanhá-los e se meteu num jogo de carteadado no bar.

Pois ele e Osmar haviam de localizar Ritinha e falar com ela. Revelar-se-iam seus irmãos e lhe ofereceriam ajuda e proteção. Os dois irmãos dirigiram-se então aos frentistas do posto, para pedir informação. Fizeram-se de interessados em fazer programa com prostitutas menores de idade. Osmar, espertíssimo, foi logo conversando e brincando com os homens, dizendo que estava a perigo,

necessitado de mulher, mas que só gostava de cabritinha bem novinha.

Os frentistas não se fizeram de rogados.

– Pois olhe, camarada, vocês estão com sorte. Menina menor fazendo a vida aqui é o que mais tem, afinal aqui é ponto de pernoite de caminhoneiros. Há um grupo de umas três ou quatro assim, bem novinhas. Mas tem uma coisa: elas preferem caminhoneiro, não gostam muito de fazer programa com homem daqui, se puderem vão com um forasteiro de passagem. Acho que é porque todas elas têm família aqui, menos uma que veio de fora, foi largada aqui por um caminhoneiro que prometeu mundos e fundos para ela, mas não pretendia cumprir nada, é claro. É sempre assim...

– Pois ocê disse qui nós tá cum sorte porque tem muita minina nova, di menor, aqui, é isso?

– Não! A sorte de vocês é que agora tem uma quenguinha nova, uma que descabaçaram faz menos de um mês, é carnezinha nova, bonita de ser ver. Vocês precisam esperar por ela, ela sempre vem pra cá de noite. Não tarda muito e elas começam a chegar. E aí procuram pelos homens de caminhão. Se vocês querem uma sugestão, façam o seguinte. Tão vendo aquele caminhão azul ali, do Espírito Santo? Pois ele foi deixado aí pelo motorista. Está com problema mecânico mais sério e o homem pegou um ônibus para buscar a peça que falta lá em Juazeiro. A chave está aqui com a gente. Então vocês entram no caminhão e ficam esperando lá dentro. Quando virem as meninas chegando, façam o seguinte: acendam a luz da cabine e liguem o rádio, assim elas vão ver que tem freguês no posto. Sabe como é, aqui é um lugar pequeno, não tem muito movimento e tem noites que não pernoita nenhum motorista por aqui. Quando tem freguês, elas caem matando, vocês vão ver.

– E ocê faiz isso por nós, é? Abre a porta do caminhão pra gente?

– Claro, meu camarada, porque não ajudar quem precisa? Aí, se um de você quiser deixar uma cervejinha, muito que bem. Mas não precisa, se não tiver. Eu faço a coisa do mesmo jeito. E... Olhe, lá vêm elas! Olhem lá, bem na direção daquela placa acesa, estão vendo? Duas meninas, justo o que você precisam, uma pra cada um. Deixa eu correr no escritório e pegar a chave, você já se encaminhem para o caminhão. Rápido.

Momentos depois os dois irmãos já estavam na cabine do veículo. Osmar tinha alguma noção de painel de automóvel, procurou ansioso pelo botão de luz no caminhão e acabou dando com ele, depois de várias tentativas mal sucedidas. Esqueceram de ligar o rádio, estavam tensos os dois.

Coisa de dois minutos se passaram e viram duas meninas muito novas se aproximando. Bastião avaliou as idades: uma aparentava uns quatorze anos. A outra era *muito* mais jovem ainda: Ritinha?

Os dois homens ficaram estáticos, observando as moças que agora chegavam junto ao caminhão. A mais velha, mais experiente, escalou os degraus externos e bateu no vidro da porta de Osmar, que estava ainda fechado:

– Tio, me queira, por favor! Estou com fome. Vamos nós dois? Eu faço gostoso, você vai ver.

Osmar encarou a mocinha. Era de fato muito linda, o viço de sua pouca idade acendeu um fogaréu no homem. O corpinho era bem feito, a menina já era bem formada, tinha carnes, tinha os peitos bem salientes, empinados. Ela era alta, delgada, elegante, tinha uma carinha de indiazinha linda, os cabelos negros e bem compridos – um tesão! Na hora Osmar esqueceu seu propósito e passou a pensar com os

bagos, ficou cego de desejo:

– E onde é qui a gente vai? E quanto custa?

A mocinha saltou ao chão com um sorriso de felicidade e disse:

– Venha comigo, é aqui mesmo, tem os quartinhos dos fundos, atrás da borracharia. É ali que a gente se vira. O quarto custa dez reais, e eu cobro só cinco. Mas se o moço não quiser o quarto, a gente faz aqui no caminhão mesmo, mas aí tem que ser uma de cada vez, juntas nós temos vergonha.

Osmar, pau duríssimo, pulou da cabine e já se atracou com a garota, tratando de beijá-la e de passar as mãos por todo o corpo dela.

– Aqui não, seu moço. Vamos pro quarto, é logo ali atrás.

– Bastião, ocê ispere pela Rita. Eu num posso agora!...

Bastião ainda estava olhando, admirado, a rápida mudança de planos do irmão, quando ouviu as batidas no vidro de sua porta. Uma vozinha delicada, algo hesitante, falou:

– Moço, me queira, por favor. Por favor...

Bastião voltou-se para fora e viu aquele palminho de rosto bonito, sutil, delicado, com marcas evidentes de equimoses, amarronzadas pelo tempo. Havia um marca feia, como uma cicatriz, no pescoço. Uma criança assustada, uma criança com olhos súplices, uma criança perdida. Era Ritinha, sem dúvida.

Baixou o vidro e ficou mais um tempo a encarar a menina, que estacou sem saber o que fazer ou falar. Era evidente que não tinha experiência nenhuma de vida, de putaria...

– Ritinha? – foi a pergunta de Bastião, meio sem jeito.

– Sim. O senhor já soube de mim? Veio por minha causa também, como os outros?

– É, vim atrais di ocê. Que bom qui le encontrei.

– Olhe, moço. Eu também cobro só cinco reais e, como a minha colega já foi com o seu amigo para o quarto, a gente pode ficar aqui mesmo na cabine, poupa o seu dinheiro.

Bastião resolveu esticar um pouco aquele assunto, queria saber até onde a menina iria:

– E ocê faiz o que? – e viu que a menina destrancava a porta e entrava para a cabine. Ela respondeu, já sentada no banco:

– Olhe moço, não vou lhe mentir. Se o senhor veio atrás de mim é porque já conhece a minha história. Então vai entender que eu não posso fazer tudo o que as outras fazem, não posso ainda, o senhor compreende?

– Não sei si intendi dereito. Não pode o que?

– Moço, aquele maldito que está na cadeia agora me machucou demais, é isso. Então eu não posso... dar, entende? Tem que fazer só por fora e eu uso as mãos, pode ser?

Bastião provocou:

– Ah, mas assim num tem graça! Cumo é qui ocê qué cobrá o mesmo qui sua amiga, qui faiz di um tudo cum certeza?

– Então o moço me dá menos. Mas, por favor, me queira assim mesmo. A gente tem passado muita fome, sabe. Tá muito difícil ter cliente no posto e não quero homem aqui da cidade, não.

– Ara! E por causa di que?

– Ah, moço, eu tenho vergonha sabe. É tudo gente conhecida da minha família, é muito pior pra mim. E também tem esse problema meu, que eu estou muito machucada lá. A médica do posto de saúde que me atendeu me avisou para não ter nada por um bom tempo. Então está muito difícil começar nesta profissão, sabe? O pior é que os homens vêm aqui atrás de mim, vêm os da cidade, que estão sabendo do meu caso, acho isso um horror. Aí eu me escondo. Só vou com gente de fora, como o senhor. Mas aí, quando eu digo que não posso fazer, a maior parte não aceita. Querem de um tudo e eu não posso. E nem sei direito ainda...

– Pois fique sussegada, qui eu vô le dá o dinheiro assim mesmo. Ocê disse que tem passado fome?

– Muita, seu moço. Se não fosse por essa minha colega, que pode ganhar mais do que eu, acho que eu já tinha morrido. Ela compra comida pra ela e pra mim, é um anjo que Deus botou no meu caminho, teve dó da minha desgraça. Me achou desmaiada na estrada, me levou para o hospital, salvou minha vida. Me levou para morar no quartinho que ela paga. E ela fica me ensinando tudo o que eu devo fazer com os homens, sabe? Ela entende de um tudo, está há mais de dois anos na profissão. Só que eu ainda não posso, é difícil.

– Pois toca a cumê, intão! Vamo lá na lanchonete qui eu le pago o jantá.

– Não dá, moço. Eles não deixam a gente entrar lá e sentar para comer. A gente pode comprar a comida, mas tem entrar pelos fundos, pela cozinha.

– Ué, mas por causa di que? – quis saber Bastião, admirado.

– Porque a gente é puta e a gerente nova é crente. Antes puta podia entrar, mas agora ela não deixa, disse para o dono que era a gente ou ela. Ele preferiu ela, é claro! A lanchonete é grande, é restaurante também e vem muitos clientes da cidade. Aí eles não querem puta misturada com gente decente, é o que disseram pra nós ainda ontem, mais uma vez.

Bastião se queimou de vez com aquela história. Mas já não bastava tudo o que aquela criança tinha sofrido, ainda tinham que fazer mais essa maldade com ela?! Estendeu o braço sobre a menina, abriu a porta do lado do passageiro e falou:

– Pois desça qui nós vai cumê do bom e do milhó qui tivé nessa joça! Desça qui nós vai intra junto e ocê vai sentá do meu lado. I ai di quem si atreva a querê buli com ocê! – e empurrou com cuidado

Ritinha para fora da cabine.

A menina desceu assustada, tinha pavor enorme de discussão e de brigas e estava traumatizadíssima com a surra que levava de João Boto. Ficou com medo de entrar, do que iria acontecer, da humilhação que iria passar mais uma vez. E mais medo ainda, quando pensou no dia seguinte, quando aquele moço forte não estaria mais por ali para lhe dar garantia. Mas Bastião já havia descido e, tomando-a pelo braço, a carregou com firmeza até à entrada da lanchonete. Ritinha entrou tremendo, de olhos baixos, mas a fome era tão grande que ela faria qualquer coisa para poder botar algo na boca.

A gerente estava na porta e fez um sinal ao segurança, o qual falou com voz autoritária:

– Quenga não entra!

– I ocê tá vendo sua mãe querendo entrá, seu cabra safado? Podi sê qui a quenga di sua mãe num entre, mais minha irmãzinha aqui pode entrá sim! Eu só quero vê quem é macho di querê impidi!

O segurança olhou para a gerente, desconcertado. Esta, por sua vez, também estava atônita. Mas falou logo, com arrogância:

– Que sua irmã, que nada! Deixe disso, homem. Isso é uma vagabundinha que apareceu por aqui, pra fazer a vida no posto, uma sem-vergonha. Aqui ela não entra, isto é casa de respeito, não é lugar para uma nojenta que nem essa...

Paff!!! – Bastião mandou um tremendo tapa na cara da mulher, que rodopiou duas vezes antes de se estatelar em cima de um banco de espera, apavorada com a reação do homem.

O segurança fez menção de puxar a arma, mas Bastião imobilizou seu braço com um aperto de mão que mais parecia uma tenaz de aço. Mantendo o braço do homem seguro, enquanto este gemia de dor, o irmão de Ritinha falou:

– Num tente fazê isso, sinão le tomo a arma e ocê é um cabra morto. Pensando bem, é milhó eu fica cum ela por inquanto. Na saída le adivolvo. Vá qui ocê num mi iscuta e resorve fazê bobage. Na certa ocê é pai di família, num quero le disgraçá.

O homem, assustadíssimo, fez com a cabeça que sim. Adiantou-se a abrir o coldre da arma, que era meio complicado, e deixou que Bastião pegasse o revólver. Guardando-o na cintura, o pistoleiro deu dois passos adiante e, com um safanão, ergueu a gerente pelo braço.

– I ocê, sua merda, vai serví a gente di garçonete, entendeu? Vai trazê i levá os prato di Ritinha. E vai si adiscurpá, vai pidí perdão e vai falá muito mansa cum ela. Sinão termino di le arrevirá os corno e dexo essa sua cara mais feia do que já é. Vô tê o maió gosto di le fazê um monte di cicatriz na cara cum a pexera, ah si vô! Vamo mulé, se avie, si mexa, vá levá a gente pra milhó mesa dessa joça e é pra já! – e foi empurrando a gerente casa adentro.

Os fregueses, entre assustados e divertidos com a cena, ao verem aquela mulher arrogante e antipática humilhada, ficaram sem ação. Os funcionários adoraram a situação, sentiam a alma lavada, havia justiça neste mundo, Senhor!

– Venha minha irmã, vamo sentá i cumê – falou Bastião, levando a menina pela mão até à mesa

indicada pela gerente apavorada.

Sentaram-se. Bastião fez com um dedo sinal para que a gerente ficasse em pé junto à mesa, à disposição. Um solícito garçom, todo sorridente, trouxe o cardápio, mas foi logo avisando:

– Seu Bastião, aqui está o menu, mas para o senhor eu recomendo o melhor da casa: nossa buchada de bode está de tinir, uma maravilha. E olhe que está prontinha, quentinha, não carece esperar nada. Se o senhor me autoriza, trago para vocês num minutinho.

– Tá, eu le agradeço e le pergunto: ocê mi conhece? Di donde?

– Pois se até tirei foto com o senhor e seu irmão Jeremias, apertando a mão de seu pai, lá em frente ao hospital de Dr. Epaminondas.

– Ah, intão é isso! Me adiscurpe si não mi alembro, foi tanta gente e tantos dia.

Quando o garçom falou aquilo, os fregueses nas mesas próximas começaram a se levantar de seus lugares e a cercar a mesa de Ritinha e Bastião.

– É mesmo, gente! Olhem só, é um dos homens que justiçaaram João Boto.

– Sim, é ele mesmo. É um dos filhos de Dito Timbó. Um herói!

– Que presepada que vocês aprontaram com o João Boto, hein!

Aí foi a vez de atentarem em Ritinha:

– Então essa é a menina?! Pobrezinha!

– Tão criancinha!... Que desgraçado, ainda bem que cortaram os culhões dele.

– Pois num é? Tinha coisa mais merecida, mais bem feita?

– Pois se tinha! Pois se não levaram ele de noivinha pra casar na delegacia?

– Poxa, olhando essa criança de perto, chega a doer na alma.

– E veja só: eu vi e ouvi tudo, essa nojenta aqui destratando a coitadinha, chamando de puta e de tudo que é coisa ruim. Pois vou lhe dizer: enquanto essa coisa ruim for gerente desta casa, eu não boto mais meus pés aqui!

– Pois você tem toda a razão, compadre. Eu também vou fazer o mesmo. Aliás, acho que vou proibir todos os nossos funcionários de virem almoçar aqui enquanto essa tipa emproada estiver empesteando este restaurante. Por isso é que esta coisa está entrando em decadência. Também, com um diabo feio desses dando as cartas!

Para completar o azar da gerente, não bastasse o tapa, o susto e as frases iradas dos fregueses, nesse momento vinha entrando o dono do estabelecimento. Alguém tinha corrido a avisá-lo do acontecido, sua casa era bem próxima. O patrão, que era um homem prático, não hesitou um segundo, não ia perder

mais clientes por causa daquela coroa mal-amada, azeda, sempre em pé de guerra com cozinheiras, garçons, auxiliares, até com fregueses ela conseguia implicar. Estava na hora. Errar é humano. Sabia reconhecer o erro: fizera a escolha errada. Aproximou-se da mesa que virara o epicentro das atenções, reconheceu Ritinha, reconheceu Bastião, celebridade instantânea, junto com seus irmãos e o pai, não se falava outra coisa na cidade próxima. Dirigiu-se à gerente, com voz áspera:

– Dona Matilde, eu ouvi tudo o que esses fregueses estavam falando. Vou lhe dizer uma coisa, curta e grossa. Uma vez a senhora me disse bem assim, se referindo a esta mocinha aqui e suas colegas: *ou elas ou eu*. Pois lhe digo que na hora eu fui um besta, eu fiz a escolha errada, fiquei com a senhora. Pois agora eu estou corrigindo meu erro. Fico com as moças, como sempre foi antes. Dona Matilde, vá catar suas coisas, ponha-se daqui pra fora, estou lhe despedindo por justa causa!

A gerente engoliu o choro, era orgulhosa demais para dar esse gosto àquela cambada de idiotas, patrão e funcionários, uns arrematados imbecis. Mas, antes de sair, compreendendo o perigo que corria, agora que estava sabendo quem era aquele homem, um filho do terrível Dito Timbó, resolveu limpar sua barra com o homem. Ao mesmo tempo caiu a outra ficha: aquela menina a quem havia destrutado seguidas vezes era então, ela também, filha de Dito Timbó!

Céus, estava encalacrada! Corria risco de vida, aqueles bandidos desalmados podiam acabar com ela em dois tempos. Precisava fazer algo agora. Amanhã correria à delegacia. Ia dar parte do homem que a agredira e pedir proteção ao sargento Elias. O sargento saberia dar o justo castigo àquele agressor! Mas agora precisava engolir o orgulho e tratar de salvar a pele. Perdeu o resto da pose e caiu de joelhos em frente a Ritinha. Implorou perdão. Disse que aquilo não era coisa sua, era um demônio que às vezes a *atentava*, que iria pedir ajuda ao pastor, um exorcismo dos grandes.

A menina estava em estado de choque. Tudo aquilo havia acontecido de uma maneira tão rápida que a deixara tonta. Então aquele rapaz que a estava defendendo era seu *irmão*, era filho de Dito Timbó?! Ela ficara sabendo que este homem, famoso e respeitado matador, havia justificado João Boto e que o desgraçado estava na cadeia, devidamente capado, servindo de repasto aos outros presos.

(*Continua da pág. 129 de A ESPERA E A NOIVINHA*)